

Contra a Escola<sup>1</sup>

Leda Rafanelli

Tradução:

Caio Cursini<sup>2</sup>

Alguém alguma vez pensou, falando sobre o *ensino obrigatório*, sobre a utilidade moral que esta obrigação *ratificada pelo governo* – (todo livro utilizado na escola deve levar o carimbo do ministério público de ensino) – rende à classe dominante hoje? Pensem sobre isso, reflitam, leiam os livros que as nossas crianças leem e estudam na escola, e vocês chegarão a conclusões que eu também cheguei. A burguesia, valendo-se do monopólio que tem sobre tudo, do pão ao ensino, entendendo que vale a pena moldar ao seu modo a mentalidade dos jovens, cumpre sobre eles o seu trabalho de propaganda antiprogressista e os habituam a ideia irrevogável que todo bom cidadão deve reconhecer e amar um deus, um rei e uma pátria.

Nós não pedimos reforma para as escolas. Estaríamos sendo muito ingênuos se acreditássemos que os nossos filhos seriam bem-educados nas escolas comunais, reais ou privadas, isto significando, ensinados não somente com critérios laicos, mas modernos e inovadores. A questão do futuro da instrução deve ser discutida com calma e se fôssemos mais ativos, nós revolucionários, no momento de trégua, depois da luta política e da propaganda, deveríamos pensar em atrair o indivíduo desde a sua juventude para fazê-lo um rebelde ao invés de um idiota. É também verdade que agora as *escolas modernas*<sup>3</sup> não têm a simpatia dos governos, e esta é a prova mais clara de que estes cumpriram aquilo que propuseram... para o revés do presente ordenamento social.

O cérebro da criança, virgem de ideias próprias, impressionável por natureza, adapta-se à forma intelectual que lhes é colocada: é como a cera quente que adere aos objetos, desde o ensino das artes até as atividades cotidianas. Confiar essas mentes virgens à instrução opressora fechada em um programa escolástico, aprendidas elas por pobres

<sup>1</sup> Originalmente publicado em 1907, pela tipografia Ugo Polli (Florença). Versão original disponível em: <https://www.bfscollezionidigitali.org/oggetti/19475-contro-la-scuola-leda-rafanelli> Acesso em: 03 de setembro de 2024.

<sup>2</sup> O tradutor realizou graduação sanduíche na Facoltà di Lettere e Filosofia da Università degli studi di Roma Tor Vergata e possui o nível C1 segundo a Certificazione di Italiano come Lingua Straniera (CILS) obtido junto a Università per Stranieri di Siena. Contato: [caio\\_cursini@hotmail.com](mailto:caio_cursini@hotmail.com)

<sup>3</sup> N.T. É provável que a autora se referisse ao programa pedagógico de Aristide Gabelli, amplamente difundido na Itália recém unificada a partir de 1888. Entre outras propostas, a educação era vista como centrada nas proposições positivistas, tendo a laicidade como um dos pilares fundamentais da educação.

párias do ensino, os abatidos e desmotivados mestres, vítimas da sua obrigatoriedade, paciência, forçados a guardar seus conhecimentos em um programa e adaptá-los de igual modo a todos as mentes diversas, o dever de ensinar todo o simulacro da vida social e o dever de ocultar com o véu da hipocrisia toda a livre e solene manifestação da natureza – é, ao meu modo de ver, o primeiro e maior crime que a sociedade civil cumpre contra o indivíduo.

Por isso, enquanto os professores para não perder o ganha pão se adaptam ao sistema, não resta senão às jovens mentes se envenenar. Se algum desses professores, na grande imobilidade da obediência passiva lançar um grito de rebelião, se tentar educar os jovens com um espírito mais moderno, verá que não será deixada pedra sobre pedra para se perseguir este rebelde até forçá-lo ou a deixar o posto ou a ser *colocado em segundo plano*. Igual sorte têm os livros. Se, na massa de livros, hipócritas, escritos com o objetivo de exaltar as instituições atuais que nós combatemos, qualquer autor audaz escrever para os estudantes – não através dos livros das escolas, porque seria ingenuidade apresentá-los à aprovação do governo – esta obra será logo retirada, mesmo que o seu autor tenha se dedicado a escrever a verdadeira história da população e das coisas.

Frequentemente me divirto a ler livros de história ao acaso ou de leitura para estudantes na fase escolar. E se algumas vezes senti aparecer nos lábios um irônico sorriso, outras vezes franzi as sobrancelhas com indignação. A história que diz respeito à convulsiva evolução dos povos é sumariamente calada ou ocultada por frases vagas. Os acontecimentos de contestação de qualquer momento da história aparecem distorcidos, os poderosos vêm cingidos por aureolas de glórias, deus (com o d maiúsculo) é encontrado em todas as páginas e é exaltada a guerra e a carnificina para a conquista de mais pedras preciosas para a coroa dos pequenos e grandes comandantes. Isso coopera para despertar o entusiasmo no cérebro ainda imaturo dos jovens que se inebriam e se exaltam ao ouvir a palavra *rei, pátria, valores, heroísmo*. Quanto seria útil a nossa palavra para explicar claramente o significado destas palavras!

Além disso, que coisa pode interessar às crianças se o terceiro rei de Roma foi um belo diabo ou um canalha; enquanto se ignora, até o fim do livro, porque em 1898 a Itália foi atravessada por tumultos de plebes descontentes? O que pode interessar aos jovens estudantes se a Itália foi libertada por estrangeiros em 1859 e por padres em 1870, enquanto não se sabe que o povo italiano se debate sob um governo falsamente liberal e

que os padres imperam e comandam, precedendo qualquer ação, com os seus dogmas, suas igrejas, e os seus *milagres* descaradamente proclamados no século XX?

O que importa aos jovens conhecerem a história dos rebeldes de Spartaco e de Bruto quando os rebeldes modernos são colocados como loucos e delinquentes? Sob qual razão explicar e fazer conhecer as revoltas e as lutas dos povos antigos, as rebeliões para a conquista da república, o ímpeto das massas populares quando não se fala sequer das manifestações que alcançam hoje em dia o proletariado contemporâneo, nem do significado da revolução russa, nem do mal-estar econômico, moral e político de todos os povos governados por leis e códigos?

Por que se fala aos jovens dos ditos costumes ridículos dos povos *incivilizados*, enquanto não se pensa de fato em fazer eles se atentarem aos muitos ridículos absurdos da nossa civilidade? Por que se explica aos jovens os preconceitos dos povos e os seus costumes, enquanto na verdade os verdadeiros preconceitos colocados sobre nós oprimidos não são nem assinalados? É hilário que um jovem diga que na China, para se vestir para o luto coloquem roupas brancas, mas qual a diferença disso e do nosso consenso inútil em se vestir de preto? Fazem as crianças se maravilharem com os dizeres de que os padres e sacerdotes do Egito e da Índia se vestem com trajes estranhos e de cores vivas, mas alguma vez já se pensou em observar o modo ridiculamente estranho com o qual estão vestidos os sacerdotes da religião católica apostólica romana? Eu vi várias procissões em que estavam vestidos de preto, vermelho, branco, amarelo e violeta. Por que quando se fala às crianças em idade escolar das classes superiores sobre os sofrimentos que sofrem os escravizados na África, não se faz menção às torturas morais e materiais de todos os deserdados da nossa classe, que é a classe oprimida? Por que absolutamente nada disso que seria algo natural e da vida é narrado ou explicado? Existem nas quartas e quintas séries, meninos e meninas que ainda fingem acreditar que os filhos são encontrados nos jardins, como raviólis de carne saídos dos torrões da terra. A hipocrisia com a qual é circunscrita a inteligência deles no seu desenvolvimento acompanhará para sempre os seus atos e suas palavras.

Por qual razão agora devemos mandar os nossos filhos à escola, quando naquela sala destinada ao estudo as mentes dos jovens se tornam escravas de uma instrução superficial de aritmética e geografia, enquanto permanecem ignorantes de todas as outras questões da vida? E não se pense que eu acredite que seja útil o falar às crianças de dez

anos das necessidades fisiológicas da vida e seus desenvolvimentos, nem da fase da reprodução humana e muito menos da base científica da anarquia, do socialismo ou da república. Eles não entenderão quase nada ou nada. Eu penso que, ao invés de comprimir as mentes jovens sob o ritmo de uma instrução que busca fossilizar no presente as ideias e crenças do passado, talvez melhor seria deixar as mentes livres, esperando a engenhosidade natural, que, uma vez despertada, levasse a se ler ao seu modo no livro da vida e da natureza estas que apontam para conclusões não escritas, é verdade, e nem são tuteladas por nenhum professor, mas que terão a potência de criar pensamentos sóbrios e originais.

Vocês já leram alguma vez, em um momento de ócio, um dos tantos livros de literatura usados nas escolas, tanto aqueles para os adolescentes quanto para crianças? Eu sim; algumas vezes eles me divertem e por isso me convenço cada vez mais sobre o quanto a instrução ensinada nas escolas seja contrária a todas as ideias de verdade e justiça.

Eu ouvi dizer em uma conferência ministrada por uma doutora feminista, que um dos maiores deveres incumbentes a uma mulher operária é aquele de mandar os filhos para a escola, não observando nenhum sacrifício grave que seja: “mandando os filhos para a escola,” dizia a professora, “preparamos o povo a um futuro de liberdade, uma vez que a instrução é a luz do intelecto, a luz do intelecto leva à descoberta da verdade e a verdade nos fará livres”.

Se isso fosse verdade, se... a verdade fosse ensinada nas escolas.

Se, uma vez, buscando a verdade em quaisquer que sejam os livros de literatura para adolescentes nos dermos conta que estes mesmos livros passam pelos trâmites do ministério de instrução pública, ou seja, obtendo a autorização de *nada consta* que dá o direito ao autor ou organizador de colocar sobre o título a advertência que o livro está *aprovado*, então, logo sentiremos o desejo de colocar este livro de lado, certos de que a verdade de fato não estará ali dentro. Se não pensarmos nisso, e lançarmos olhares para eles entre essas páginas durante a leitura, facilmente perceberemos que a mais flagrante castração é aplicada a cada pensamento e a cada verdade. A questão social, esta questão não resolvida (apesar de todas as lutas cotidianas dos desvalidos contra os poderosos), nos livros de literatura para os jovens são logo resolvidas, obscurecendo a aguda miséria sob um lamentável véu, com a *benevolência*. Por este motivo, à mente do estudante não

surge nem de longe a ideia de que na nossa sociedade contemporânea vivam duas classes de indivíduos com pensamentos, aspirações, direitos, deveres e posições sociais estranhamente diferentes; e, assim, antagonicamente, no caminho rumo ao futuro, em uma luta tão dura, manifestada em cada ato oculto ou público, tão desigual em números, um punhado contra uma massa de pessoas – esta última que poderia ser capaz, se fossem manifestadas abertamente suas hostilidades de alterar a ordem social e moral da humanidade.

Além disso, desde a primeira página destes livros se sente a imposição de uma religião às crianças. É-lhes ensinado que na Itália *a religião dominante é católica, mas que as outras são toleradas*. Come se isso fosse uma regra e uma lei natural, ter uma religião. E estas afirmações, expostas e ditas por pessoas que são conhecidas por eruditas, faz-nos pensar melancolicamente: por que se ri das religiões selvagens que adoram o sol, as plantas e a terra? Eles ao menos veem estas *coisas*, as usam e se sentem ajudados por estas no caminho da vida!

E quanto teríamos a dizer olhando para as coisas à luz da simples lógica, se consegue explicar a existência de um deus, ao mesmo tempo que não se tem dimensão da bela obra da natureza? Em alguns livros se fala de um *paraíso*: oh! Seria engraçado se este tipo de instrução não fosse totalmente prejudicial para nós!

Os escritos dos livros escolares são insípidos por conceito – eu não entro na discussão sobre o valor literário destes, ainda que muitos críticos mais competentes que eu os critique – e parece que os escritores ou as escritoras tenham tido a única preocupação em colocar sob a luz somente a classe dos mais ricos. Os ricos e os pobres são colocados em ambientes falsos; as causas da miséria não são discutidas ou no máximo são atribuídas ao operário cotidiano tido como preguiçoso e boêmio, aquele que deixa a família em condição de sofrimento. Agora, o anjo consolador, que é sempre ou uma boa e modesta senhora burguesa ou o filho de um rico que tem que fazer o sacrifício de privar-se de seu cotidiano para fazer uma *boa ação*, leva a *Providência* à porta da casa sem se fazer conhecer para não ser agraciado. Lendo estas histórias me veem em mente as *noites de caridade* em prol dos atingidos por um terremoto ou um vulcão em erupção: senhores que dançam, cantam, divertem-se com os seus nomes aclamados pelos jornais, admirados como heróis da caridade pública, para depois receberem mil liras após terem gasto duas mil em flores. Oh! A caridade burguesa!

Entretanto, escrevendo nos livros estes fatos com todo lenocínio das frases, forçam os olhos dos estudantes às lágrimas do sentimentalismo e a caridade triunfa sobre onde deveria estar a igualdade e o direito.

\*\*\*

Intercalado entre os escritos encontramos alguma poesia, e, embora sejam em versos, os conceitos são idênticos àqueles da prosa; muitas vezes o trabalho é exaltado, *o trabalho que enobrece o homem*, sem se recordar que o livro acabou de exaltar todos os mais famosos exploradores e vagabundos. Para citar um exemplo, adoro me referir a estes breves versos para chamar a atenção de que a maior preocupação é sempre aquela do medo de que o *operário não trabalhe com resignação*. A poesia encontra-se em um livro para a quinta série e é intitulada: *o trabalho do ferreiro*.

“Abaixa a cabeça – os braços nus  
Acorda com os primeiros – raios do dia,  
Bato o martelo – sobre a bigorna,  
Depois que a chama – o derrete.  
Esta é minha vida – difícil de ser vista;  
A força me anima – me dá prazer,  
Este suor – que os cabelos me molham  
É a coroa – de um bom artífice.  
Bate o martelo! Que som belo!  
Viva a Itália! Viva o trabalho!”

Na primeira estrofe, vejamos, é um trabalhador que afirma se levantar com os primeiros raios do dia e por todo o dia *curva a cabeça* sobre o ferro amolecido pela chama. Uma vida muito pouco bonita, percebemos, mas o ferreiro da poesia está muito contente. De fato, na segunda parte ele sente que aquela vida (que parece dura aos mal-humorados que *gostariam de trabalhar seis ou quatro horas por dia desde que trabalhassem todos*) para ele é bela; Essa vida lhe é bela; Dá-lhe prazer porque lhe aumenta as forças; aumenta o suor que resplandece como uma coroa sobre sua cabeça de operário muito dócil; e convém, depois de ter lido aquela poesia, compadecer de todo o coração pelos poderosos das coroas de ouro ao invés que dos da coroa de suor, os quais, coitadinhos! Não conhecem senão a satisfação, e a inveja àquele ferreiro que termina a sua canção com uma entoação patriótica entusiasmada.

“Bate o martelo, que som belo

Viva a Itália! Viva o trabalho!"

Bravo! O trabalho é uma coisa belíssima e o ferreiro... do livro para a quinta série tem razão. Entretanto, o que tem a ver *viva a Itália*? Se entende que aquele dócil operário é também devoto à pátria, mas este *viva a Itália* seguido de um *viva o trabalho* me parece que destoa bastante disso...

O que tem a ver a Itália com o trabalho? Não sabem disso o ferreiro, ou melhor, o autor da poesia (que certamente não é um ferreiro), que a Itália é um país com mais problemas no mundo do trabalho que os demais, justamente pela falta de trabalho? Não sabe que milhares de italianos, os ferreiros inclusive, para trabalhar são obrigados a migrarem? Por caridade, não coloquemos o forçado patriotismo onde está o descontentamento! Itália e trabalho! Eu gostaria de dizer isso aos nossos emigrantes.

No entanto, nos livros para as escolas o patriotismo sempre encontra seu lugar. Recordo que há uns anos me encontrava em uma família que tinha uma menininha de 13 anos, que estudava em uma escola comunitária na quarta série: uma noite, ela tinha de transformar em prosa uma poesia que estava inserida em um livro intitulado: *coraçõozinho de ouro*, organizado pela senhora Emma Perodi. Enquanto a adolescente debruçada sobre seu caderno se esforçava para dizer as mesmas coisas sem a rima, eu escutava que repetia para si alguns versos nos quais as palavras: pátria, deus, guerra e paz tinham seu lugar. Lembro-me que, por curiosidade, peguei o livro, e na página 70-71 li a seguinte poesia do Sr. Carcano.

#### Voto pela Pátria

“A minha pátria me deu o senhor,  
Meu pensamento, minha fé e amor;  
Para mim terra mais sagrada não existe  
O meu peito e meus braços são para ti.

Bela e grande, o meu coração te quer,  
Grande mãe de uma prole indomável  
Você é a terra onde suo pelo meu pão,  
Os meus mortos sepultados aqui estão,

Forte na paz seja você, forte na guerra,

Deus te vele oh materna minha terra;  
Bendito seja quem seu nome te deu  
Bendito seja quem morre por você! –

Vocês veem? Nestes 12 versos (de pouco valor, na verdade), está a afirmação da existência de um deus, o doce amor por uma terra chamada de *pátria*, para se dizer que seja bendito quem por esta pátria morrer. E não é tudo: o entusiasmo patriótico chega até a fazer-nos acreditar que esta pátria é amada porque suamos por nosso pão, ou seja, o ganho do nosso trabalho. Mas por que, então, volto a dizer, os nossos trabalhadores emigram justamente para terem que suar o menos possível para obterem o pão necessário à vida?

E se tivéssemos que comentar conto por conto, poesia por poesia, e pensamento por pensamento chegaríamos a escrever um volume e... seríamos censurados.

Porque, convenhamos, a verdade não pode ser dita, mas é menos ainda explicada nos livros escolares. Somente um livro na Itália foi impresso contendo pensamentos verdadeiros e com ideias inovadoras: o livro intitulado *Cammina fanciullo!* De Ottavio Dinale<sup>4</sup>, com poesias das páginas cheias de pensamentos instigantes e rebeldes, com explicações da verdade que mesmo os mais jovens podem compreender, com a verdadeira história do proletariado sem que esta seja escondida, com as máximas que são a demolição e a reconstrução de uma nova ordem social, com os novos diálogos e ideias, originais e audazes, mas... o livro foi censurado porque, assim proclamou o conselho de Florença, “*os jovens não devem ler certas verdades*”.

Concluindo, podemos afirmar que na escola não se ensina aos jovens a verdade, mas se impõe a eles a crença de um *deus*, o dever de amar e servir a uma *pátria*, de resignar-se e obedecer às leis decretadas pelo Estado, desfocando a história, negando a natureza – reconhecendo um padrão e reduzindo a latente questão social a uma mesquinha disputa de humilhação e beneficência. Nós não somos ingênuos a ponto de pedir reformas para as escolas, porque reconhecendo que as escolas são propriedades da comuna ou do Estado e, por isso, dependente da classe dominante, será lógico que a burguesia buscará

<sup>4</sup> N.T. Político italiano que estudou letras na Universidade de Siena. Naquele momento, Dinale fazia parte dos círculos socialistas italianos. Com o passar do tempo, torna-se próximo a Benito Mussolini e sustenta a formação da República Social Italiana em 1943. A autora se refere a uma obra de Dinale publicada em 1898.

conquistar até a mais tenra idade a inteligência dos indivíduos para sujeitá-los aos seus interesses. No entanto, é também verdade que a nós revolucionários, ou ao menos a todos aqueles com uma visão moderna, é incumbido o dever de contrapor ação com ação.

O nosso trabalho em relação às questões políticas da propaganda revolucionária não absorve, ao menos para muitos de nós, todo o nosso tempo. Existem períodos de inércia em que acabamos não trabalhando. Pois bem, nós podemos dedicar este tempo à escola moderna para a juventude. Poderemos buscar ensinar à juventude a verdade, *trabalhar* aquela inteligência nova a partir da nossa perspectiva. Em cada um dos ditos *círculos de estudos sociais* e sociedades operárias e políticas poderia funcionar com sucesso uma escola na qual não se ensinasse nem aritmética, nem desenho, nem ler e escrever; mas as coisas que a burguesia, por meio das escolas, pode desfigurar para o seu benefício. Poderíamos ensinar aos mais jovens não a história grega e romana, mas a história presente, o significado da revolução francesa, da Comuna de Paris, da atual revolução russa, das revoltas causadas pela fome em 1898. Faríamos eles lerem obras que não os estagnassem mentalmente, mas que servissem para destacar a admiração deles pela verdade e pela beleza. Para dar esta instrução todos nós devemos contribuir, porque esta não exige nem um método didático, nem rende um diploma, porque nós não temos nem álgebra, nem geometria a ensinar, mas no momento em que nós revolucionários estamos, bem ou mal, somos todos propagandistas; quem de nós se recusaria, a qualquer hora e lugar de ter a satisfação de despertar a tenra mentalidade dos jovens para novos horizontes de luz e verdade?

Bastaria refutar os livros que eles são obrigados a ler nas escolas, preencher as lacunas da *história convencional*, desvelar as mentiras cotidianas, desenvolver sobre outros pontos de vista os mesmos temas e seus componentes, explicar as palavras rei, pátria, deus, valores, heroísmo e todos os conceitos das antigas ideias.

E teremos feito muito: não é necessário a nós nada além de um pouco de boa vontade.

A verdade da vida se aprende na luta que a nossa classe é forçada a sustentar contra todas as hostilidades, e, no aprender esta verdade, com a história das injustiças sofridas e das suas batalhas, a juventude crescerá com ideias sãs e que nos será de grande ajuda no dia em que, pelo triunfo da justiça, teremos necessidade de novas energias e forças jovens de pensamento e ação.

Revista Estudos Anarquistas e Decoloniais

v. 5, n. 8, 1º semestre/2025

ISSN 2764-7854

